



MARCOS DEBRITO

A CASA DOS
PESADELOS

ALGUNS TRAUMAS SÃO DIFÍCEIS
DE SUPERAR. OUTROS, SERIA
MELHOR ESQUECER.









FAZIA SILÊNCIO DENTRO DO VEÍCULO QUE ATRAVESSAVA UMA rodovia vicinal do interior, após longas horas de estrada. Eram poucas as avarias no asfalto, marcado apenas por pequenas rachaduras, porém o carro sacolejava como se estivesse passando as rodas em uma trilha esburacada de terra.

Ao volante, Laura não deixou de reparar no filho mais velho, que, ansioso a seu lado, balançava uma das pernas freneticamente. O adolescente, de roupas largas e cabelos desgrenhados, buscava a fuga para suas aflições na música alta que tocava em seus fones de ouvido, encarando a paisagem bucólica pela janela sem enxergar nada além do que o perturbava em pensamento.

— Filho... — Laura se dirigiu a ele com carinho, mas não foi atendida. — Tiago! — Empostou mais a voz.

O rapaz prontamente se virou para a mãe, incomodado por ter sido arrancado de seu devaneio, e afastou o aparelho das orelhas para escutá-la.

— Quer parar pra tomar uma água com açúcar?

Tiago não entendeu a indireta. Buscou algum tipo de cumplicidade no olhar do irmão mais novo, sentado no banco de trás, mas Bruno também não parecia estar a par das intenções da mãe.

— Por quê? — Limitou-se a ser direto.

Sem desviar os olhos da estrada, Laura procurou pelo caçula no retrovisor.

— Tudo bem aí atrás, Bruninho?

— O carro tá tremendo — respondeu.

Bastou ela sorrir para o filho mais velho entender que era de sua perna inquieta que estavam comentando. A contragosto, Tiago parou de sacudi-la e não deu margem a novas conversas, voltando a encarar a janela, nitidamente apreensivo com a viagem.

O jovem nem sempre foi de poucas palavras. No entanto, desde a última vez que percorreram aquela mesma estrada, quase uma década atrás, seu comportamento arredo soterrara qualquer resquício de talento social. Gostaria de afastar as divagações sobre um passado confuso cuja lembrança o torturava, mas via-se indo em direção ao epicentro da tormenta.

Laura, sempre comedida na abordagem com o filho, sabia que o silêncio desconfortável no automóvel era sinal de que ele talvez não estivesse pronto para voltar, mesmo após tantos anos. Contudo, em algum momento, seu mais velho teria de enfrentar os medos antigos para se tornar um adulto confiante e preparado para outros problemas com que a vida ainda haveria de brindá-lo.

— Eu acho que vai ser bom, filho. — Aproveitou para tentar oferecer uma solução hipotética ao assunto que o angustiava: — Mas, se for muito difícil passar a noite na vó Célia, a gente arruma uma pousada.

— Não sou mais criança!

Apesar da rispidez no rebate, sua tentativa de encerrar o assunto não foi o suficiente para fazer a mãe desistir de falar:

— Tenta ver pelo lado prático. Essa visita pode ser uma oportunidade pra você esclarecer o motivo de ter ficado com esse medo todo da casa — sugeriu, esperançosa de que algumas palavras sensatas pudessem atrair a disposição do adolescente.

Antes de Tiago contestar, Bruno se intrometeu na conversa:

— O que tem na casa da vovó?

— Não tem nada! — Laura fez questão de inibir de imediato qualquer interpretação mirabolante vinda da cabeça do mais novo. — Acontece que o seu irmão começou com umas histórias quando tinha a sua idade e não teve cristo que as tirasse da cabeça dele.

— Do quê?

Para evitar uma resposta da mãe, o adolescente a censurou com o olhar, sugerindo que aquele não era um assunto a ser tratado com um menino de 6 anos.

— Coisa boba que criança gosta de inventar, filho. — Limitou-se a dar uma resposta evasiva, respeitando a vontade do mais velho. — Mas sempre que eu falava de visitar a casa da sua avó, o Tiago se trancava no quarto e fazia uma birra absurda. Só melhorou depois que uma tia começou a conversar toda semana com seu irmão pra tentar entender direito por que ele tinha criado essa história.

— Que tia?

— Minha psicóloga, Bruno — Tiago atravessou. — A mãe tá falando que eu tenho problema na cabeça.

— Eu não disse isso! — Laura se irritou com as palavras colocadas em sua boca. — Só estou explicando pro seu irmão a razão de ele nem se lembrar direito da avó. Depois de dez anos, essa foi a primeira vez que você não criou caso pra vir para cá. Se foi a terapia que te convenceu, que bom! Mostra que você tá progredindo.

O comentário foi indelicado e ela se deu conta da grosseiria assim que escapou dos seus lábios. Conhecia o filho bem o suficiente para saber que aquelas palavras impensadas, embora não tivessem a intenção de magoá-lo, bastariam para fazê-la perder o pouco da atenção conquistada.

No rosto do rapaz estampava-se uma apatia enganadora. O único sentimento decifrável era sua vontade de pôr um fim à conversa.

— Explica agora por que o Bruno tem o pulmão estragado — Tiago provocou, antes de escapar de volta aos seus fones de ouvido.

— Eu tenho pulmão estragado?! — Assustou-se o pobre garoto.

— Não, Bruno, você não tem o pulmão estragado! Já te falei que é só asma. Seu irmão vem com besteira quando quer fugir de assunto que ele não gosta de discutir.

Era fato que, apesar de o menino levar uma vida normal, cuidados eram necessários para que suas crises não fossem tão severas. Bruno tinha predisposição genética para a doença e esse era o fator mais preocupante. Portanto, era imprescindível que ele tivesse sempre à mão uma bombinha para o medicamento preventivo diário e outra com broncodilatadores, para os ataques noturnos. Seus pulmões chiavam com frequência e Laura

jamais correria o risco de ver mais alguém de sua família adoecer gravemente por complicações respiratórias.

* * *

Ainda que Tiago ansiasse por algum contratempo que o impedisse de chegar ao destino, o restante do trajeto foi mais rápido do que o esperado. Quando o carro estacionou na pacata rua onde ficava o antigo casarão de sua avó, o sol ainda brilhava, clareando a fachada do endereço para lhe reaperceber o palco de seus medos mais profundos.

O primeiro a sair em disparada, logo com a parada do veículo, foi Bruno, exausto pelas horas sem poder esticar as pernas. Ele correu em direção à porta, sob a advertência de Laura para tomar cuidado enquanto abria a porta-malas para buscar as bagagens.

Receoso em abandonar o automóvel, Tiago encarava a casa pela janela, nitidamente incomodado por estar em frente à construção que tanto o assombrava. Se tivesse a opção, jamais retornaria. Porém, não queria atravessar toda a adolescência com horror de algo que sua terapia o fizera questionar se de fato era real. Para ter uma vida adulta livre de temores ingênuos, ele reconhecia a necessidade de ter que rejeitar sua covardia. Precisava certificar-se de que o que vira quando criança era apenas fruto da sua imaginação.

Sem pressa, o jovem alcançou a maçaneta e pôs-se de pé ao lado do carro, repudiando a nostalgia desagradável que a imponente casa dos pesadelos lhe trazia ao lembrar a última vez entre suas paredes.





2.



POUCO MAIS DE DEZ ANOS ANTES, ENTRE OS MUROS do casarão centenário, Tiago, ainda menino, corria alegremente pelo piso revestido em madeira escura do corredor da entrada para cair nos braços aconchegantes de sua avó Célia.

— Saudade do meu netinho! — Ela o recebeu com um abraço caloroso.

— Não vai derrubar a vovó, Tiago — a mãe o advertiu, cruzando a porta com as malas.

Célia passara dos 65 anos e as complicações da idade vieram cedo, obrigando-a a andar sempre acompanhada de uma bengala, já de ponteira desgastada pelo longo tempo de uso.

— Deixa, Laura. Vai guardar as sacolas lá em cima. — Dispensou a filha para poder aproveitar um momento com o neto, observando-o com a alegria de uma avó amorosa. — Olha só como está um menino moço!

— Eu tenho seis. — Mostrou-lhe a idade com os dedos, vaidoso por saber contar.

— Seis?! Ah, não pode! — ela brincou. — Tudo isso já? O garoto acenou positivamente com a cabeça, orgulhoso dos vastos anos de experiência de vida que carregava sobre as pequenas pernas.

— Então não pode mais dormir com a mamãe. Ou vai querer que a vovó monte o seu berço de bebê?

Ele cerrou as sobrancelhas em um aborrecimento infantil encantador, fazendo Célia abrir um novo sorriso.

— Corre lá pra cima que eu deixei arrumado um quarto todinho só pra você.

Não foi preciso repetir. Tiago correu para o outro andar, fazendo ranger a madeira da escada velha com suas pisadas, e foi em direção a uma porta no lado oposto aos degraus do largo corredor onde ficavam os dormitórios. Tentou abri-la, mas parecia estar trancada.

— Filho... — Laura o chamou, apontando com a cabeça para o cômodo certo. — Aqui.

Ao cruzar a entrada de onde dormiria, o menino se prontificou a testar a resistência do colchão com pulos vigorosos.

— Desce! — mandou a mãe, depositando a mala em um dos cantos. — Deixa a vó Célia te pegar pulando na cama pra você ver.

O tom da ameaça foi suficiente para fazê-lo sentar, comportado, embora, para ele, aquilo não soasse como algo que sua avó carinhosa faria.

— O quarto dela é aqui do lado, hein! — continuou. — Não parece, mas a vovó Célia é brava. Se fizer muita bagunça

ela vai vir aqui te dar uma bela bronca. Então, se comporta! — Beijou-lhe a testa e saiu para desfazer a própria mala no aposento onde sempre ficava acomodada.

Sozinho no quarto que seria todo seu durante o feriado, o pequeno resolveu atender sua inata curiosidade infantil. Não satisfeito em apenas observar os adornos de carpintaria dos móveis antigos de madeira escura, vasculhou as gavetas sem saber o que procurava e arrancou as lascas de tinta velha descascando na parede.

Ao lado da cama, a claridade entrando pela única janela do dormitório quadrado convidou-o a conhecer a vista. O cenário campestre fez o menino apreciar a calma do interior, tão diferente da agitação da metrópole onde vivia.

Para receber o ar que balançava suavemente as árvores no terreno vizinho, Tiago resolveu abrir a vidraça. Usou toda a sua força para erguer a guilhotina, mas ela parecia colada.

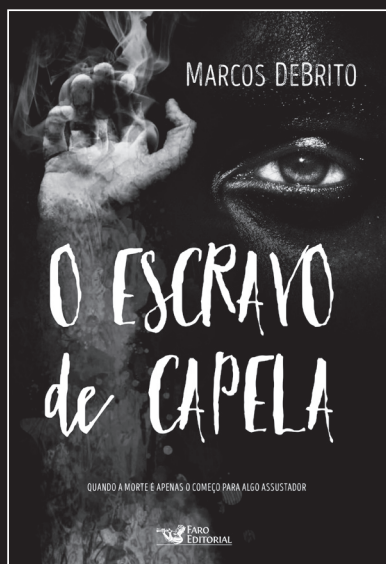
Determinado, o garoto pôs as duas mãos para tentar separá-la da guarnição com mais alento. Estava concentrado em sua meta impossível quando viu, pelo reflexo do vidro, a avó chegar sob a ombreira da porta.

Influenciado pelo alerta da mãe sobre o possível castigo, ele se afastou de imediato para não ser pego fazendo arte.

— Essa janela está travada — Célia informou com um sorriso. — Você não vai conseguir que entre vento por aí, mas pelo menos terá uma boa vista de tudo.

Percebendo a apreensão do neto, ela entrou no aposento devagar com sua bengala e sentou-se no leito, convidando-o a fazer o mesmo.

TAMBÉM DE
MARCOS DEBRITO:



O ESCRAVO de CAPELA

Durante a cruel época escravocrata do Brasil Colônia, histórias aterrorizantes baseadas em crenças africanas e portuguesas deram origem a algumas das lendas mais populares de nosso folclore.

Com o passar dos séculos, o horror de mitos assustadores foi sendo substituído por versões mais brandas. Em *O Escravo de Capela*, uma de nossas fábulas foi recriada desde a origem. Partindo de registros históricos para reconstruir sua mitologia de forma adulta, o autor criou uma narrativa tenebrosa de vingança com elementos mais reais e perversos.

Aqui, o capuz avermelhado, sua marca mais conhecida, é deixado de lado para que o rosto de um escravo-cadáver seja encoberto pelo sudário ensanguentado de sua morte.

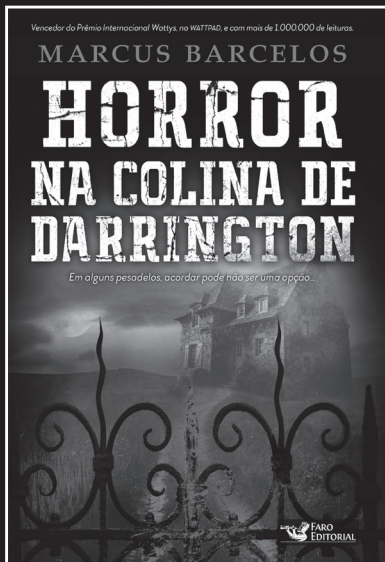
Uma obra para reencontrar o medo perdido da lenda original e ver ressurgir um mito nacional de forma mais assustadora, em uma trama mórbida repleta de surpresas e reviravoltas.

**“Cada página é como um golpe cruel de chicote.
E sai muito sangue!”**

RAPHAEL MONTES – Autor de *Dias Perfeitos* e *Jantar Secreto*

CONHEÇA TAMBÉM:

A ESCURIDÃO SE APROXIMA E, COM ELA, SEUS PIORES MEDOS...



Em 2004, Benjamin Simons deixa o orfanato em que viveu desde a infância para ajudar alguns parentes num momento difícil: com sua tia debilitada e o tio trabalhando dia e noite, precisavam de alguém para tomar conta de sua prima Carla, de apenas cinco anos de idade.

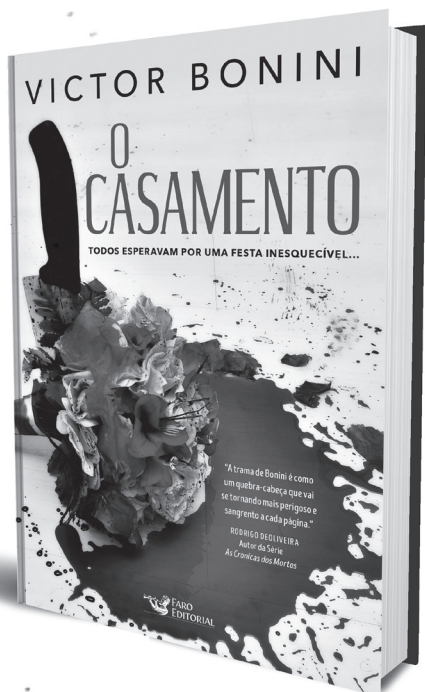
No entanto, certa madrugada, a tranquilidade da colina de Darrington é interrompida por um estranho pesadelo, que vai tomando formas reais a cada minuto. Logo, Ben descobre-se preso numa casa que abriga mistérios, onde o inferno parece mais próximo e o mal possui uma força evidente.

Passaram-se mais de 10 anos. Isso tudo aconteceu quando Ben estava com dezessete anos, e foram experiências das quais ele preferia esquecer completamente...

Mas aquele passado o acompanha de perto. Ben sente que precisa voltar e sabe que, ou desvenda tudo ou sempre viverá com medo. Então, ele decide contar, e traz numa narrativa angustiante e rica em detalhes tudo o que viveu e todas as batalhas impensáveis que travou para tentar manter a si próprio e a jovem prima em segurança. E se descobre no centro de uma conspiração capaz de destruir até a sua própria sanidade.

Alternando passado e presente, com provas e bastidores do caso nos dias atuais, Horror na Colina de Darrington mantém o leitor aceso aos detalhes da investigação, que tornam a história complexa e absolutamente intrigante.

Onde termina o inferno e começa a realidade?



PARA OS NOIVOS É O DIA MAIS IMPORTANTE DE SUAS VIDAS

Meses atrás, os amigos diriam que o namoro de Plínio e Diana tinha prazo de validade. Eles se conheceram de um jeito bizarro, pensam completamente diferente e nenhuma das famílias aprova o relacionamento. Mas eles resistiram a tudo. E agora vão se casar.

PARA O DETETIVE É A MELHOR CHANCE DE PEGAR UM CRIMINOSO

O mais *íntegro* dos convidados esconde um segredo devastador. Mas alguém sabe e está disposto a espreme-lo com chantagens. É então que o detetive Conrado Bardelli se hospeda no hotel-fazenda onde ocorrerá o casamento. Ele precisa descobrir o lobo entre as ovelhas. E rápido. Pois, a cada nova ameaça, o chantagista eleva o tom e falta pouco para a bomba explodir.

O CASAL ESTÁ PRONTO PARA O SIM. OS PADRINHOS ESTÃO POSICIONADOS.

A NOIVA SE PREPARA PARA CAMINHAR PELO TAPETE VERMELHO.

ATÉ QUE ALGUÉM DIZ: NÃO SAIA DO CARRO!

Enquanto a plateia espera ansiosa em frente ao altar, algo brutal acontece na antessala. Só quando veem as paredes lavadas com sangue é que os convidados se rendem ao desespero. Começa uma confusão para interromper a marcha nupcial e chamar a polícia. Ninguém sabe o que fazer. E Bardelli, que lidava com um caso de extorsão, descobre que se meteu em algo muito pior. Agora, ele é o único capaz de encontrar respostas. O problema é que as mortes não param de acontecer...



ALGUNS LUGARES PARECEM BELOS DE MAIS PARA SEREM TOCADOS PELO HORROR...

Summit Lake, uma pequena cidade entre montanhas, é esse tipo de lugar, bucólico e com encantadoras casas dispostas à beira de um longo trecho de água intocada.

Duas semanas atrás, a estudante de direito Becca Eckersley foi brutalmente assassinada em uma dessas casas. Filha de um poderoso advogado, Becca estava no auge de sua vida. Era trabalhadora, realizada na vida pessoal e tinha um futuro promissor. Para grande parte dos colegas, era a pessoa mais gentil que conheciam.

Agora, enquanto os habitantes, chocados, reúnem-se para compartilhar suas suspeitas, a polícia não possui nenhuma pista relevante.

Atraída instintivamente pela notícia, a repórter Kelsey Castle vai até a cidade para investigar o caso.

... E LOGO SE ESTABELECE UMA CONEXÃO ÍNTIMA QUANDO UM VIVO CAMINHA NAS MESMAS PEGADAS DOS MORTOS...

A selvageria do crime e os esforços para manter o caso em silêncio sugerem mais que um ataque aleatório cometido por um estranho. Quanto mais se aprofunda nos detalhes e pistas, apesar dos avisos de perigo, mais Kelsey se sente ligada à garota morta.

E enquanto descobre sobre as amizades de Becca, sua vida amorosa e os segredos que ela guardava, a repórter fica cada vez mais convencida de que a verdade sobre o que aconteceu com Becca pode ser a chave para superar as marcas sombrias de seu próprio passado...

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM MARÇO DE 2018